



Como uma flor, o Jornalismo Literário se abre a novas possibilidades

Like a flower, the Literary Journalism opens up to new possibilities

André Firmino Faustino Dias de Almeida¹

Luiz Manoel Pereira Filho²

José Ricardo Felix da Silva Júnior³

Sandra Raquew dos Santos Azevêdo⁴

O Novo Jornalismo surge nos fins dos anos 50 e início da década de 60 como uma alternativa ao jornalismo mais tradicional e objetivo. O novo estilo apresentou características artísticas e uma narrativa literária. Entre crônicas, grandes reportagens e conto-reportagens, as obras desta vertente possuem um caráter subjetivo, humanizado e mais aprofundado.

Os Estados Unidos, onde surgiu o chamado *New Journalism*, tem como grandes referências autores como Gay Talese e Truman Capote. No Brasil, uma das primeiras experiências que surtiram efeito e se tornaram um modelo do



Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho

¹ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: andre.firmino@academico.ufpb.br

² Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: luiz.filho@academico.ufpb.br

³ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: jose.ricardo@academico.ufpb.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: sandra.azevedo@academico.ufpb.br



Jornalismo Literário foi a revista *Realidade* e o jornalista João Antônio. Mais recentemente, nomes como Daniela Arbex e Eliane Brum se destacaram na área.

O relógio apontava quase quatro horas da tarde, quando, na sexta-feira, recebemos por aplicativo a seguinte mensagem: “Vou só tomar um cafezinho pra já já a gente começar”. Esse foi o ritual antecessor da entrevista que teríamos com Carlos Azevedo, jornalista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Entre uma xícara de café e uma ida à farmácia, o paraibano dialoga, por meio de uma plataforma digital, sobre o jornalismo literário, suas experiências pessoais, dicas para os futuros profissionais da área e a realidade do mercado de trabalho.

Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho tem uma vida acadêmica que passeia entre as áreas do Jornalismo e da Literatura; é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (1994), mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2000) e doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Unesp/Assis (2008). Atualmente, é professor Associado II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Além da experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria e Ética do Jornalismo e Teorias da Comunicação, Carlos orienta e realiza pesquisa exatamente sobre o jornalismo, a teoria da comunicação e a literatura brasileira. O que acumulou durante seus estudos e em sua vivência no jornalismo, o fez escrever alguns livros: *João Antônio, repórter de Realidade* (Idéia, 2002), *A voz da infância e outras vozes* (UEPB/Lattus, 2010) e *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio* (Editora da UFPB, 2012).

O que foi o movimento do Novo Jornalismo e como ele chegou ao Brasil?

O Novo Jornalismo vai começar mais ou menos no final da década de 50 dos Estados Unidos. Para entendermos ele, tem um livro chamado “O Novo Jornalismo”, de Tom Wolfe, que é um escritor norte-americano, autor do livro “Os Eleitos”. Nesse livro, ele faz um apanhado da produção de vários jornalistas e vai mostrar que essa produção jornalística que estava sendo feita nos Estados Unidos nos anos 50 para 60 tinha uma qualidade literária e poderia ser considerada literatura. E não é só isso. É um tipo específico de literatura que Gay Talese chama de Literatura da Realidade.



Então, essa forma de olhar para realidade e expressar ela de uma forma literária e jornalística vai ser denominada de Novo Jornalismo. Além disso, Tom Wolfe, no seu livro, vai listar alguns procedimentos, sendo eles: trabalho com a oralidade, atenção às expressões não verbais e aos objetos que davam a dimensão social do personagem. Foi uma demonstração de uma pequena revolução em que os literatos perdiam o poder e os jornalistas iam alcançando o lugar de fama que os literatos tinham. O jornalismo tomou o lugar da literatura usando os próprios recursos da literatura. Havia uma mistura entre essas duas áreas, criando importantíssimos escritores.

Algo importante que destaco é que o Novo Jornalismo é um momento histórico do Jornalismo Literário. Este é mais velho e, na década de 50 e 60, o Novo Jornalismo vai ser uma expressão de vanguarda do Jornalismo Literário praticado nos anos 60. É importante fazer essa distinção.

O jornalismo pode ser considerado literatura? Por quê?

A literatura, como entendemos hoje, por livros, gêneros, personagens, que se passa por um momento histórico e é consumido como um produto, é mais antiga. E o jornalismo é um fenômeno recente – em comparação com a literatura. Mas se nós vemos que o jornalismo é um desenvolvimento da profissionalização da escrita que muitos escritores passaram a ganhar a vida fazendo jornalismo, nós vemos que ele vai dar ao escritor uma profissão. E esses se convergem entre si e, às vezes, tomam rumos diferentes, dependendo de determinados momentos.

Na década de 60, por exemplo, o jornalismo e a literatura andavam juntos. Na década de 70, pelo menos no Brasil, ainda continuam juntos. Depois, vemos uma separação natural. E não é que vários escritores não sejam jornalistas. O comum hoje é ser apenas jornalista. Porém, evidentemente, temos pessoas com domínio das duas áreas. Existe uma série de maneiras, de procedimentos, de ver, escrever, a rapidez, sendo características fortes no jornalismo, que se diferem da literatura. Nela, para construir um texto literário, às vezes, você faz 10 ou 12 versões do mesmo conto para chegar ao polimento adequado.

Quais são as principais diferenças entre o Jornalismo Literário e o tradicional?



Quando eu entrei no curso de Comunicação Social (Jornalismo) em 1989, era época das máquinas de escrever. E, naquele período, éramos, de certa maneira, treinados para escrever de forma padronizada, obedecendo ao *lead*, com uma linguagem sintética, sem juízo de valor, tornando-o padrão. Na minha época, a *Folha de S. Paulo* era uma espécie de modelo a ser seguido, porque se buscava muito essa padronização do texto, como se fosse feito por robôs.

Nesse mesmo curso, eu tive aulas com um grande professor chamado Luiz Custódio. Ele já tinha uma visão ampliada do jornalismo, porque ele fez seu doutorado em São Paulo e teve contato com Cremilda Medina, uma pensadora do jornalismo brasileiro. Ela já defendia outro jornalismo e fazia, no curso da USP, experiências de construção coletiva de textos que viravam livros. Estes se diferenciavam do que se fazia na *Folha* e em outros veículos. Eram textos mais humanizados, mais pesquisados e que o autor se colocava. Há essa diferença quase que de oposição de um ao outro. Vivemos hoje, por exemplo, um momento em que a internet sintetiza tudo.

Então, os textos da internet são piores que os da *Folha* de antigamente. São muito enxutos e muito mais diretos, mais pobres, que não respondem nem às perguntas do *lead*. Ao mesmo tempo, vivemos, com a própria internet, um fenômeno em que os leitores querem ler mais. Temos a revista *Piauí*, que tem uma expressão de Jornalismo Literário muito interessante, além de outras experiências que trazem um texto mais interpretativo, mais rico e humanizado.

Em que áreas um profissional do jornalismo literário pode atuar?

Eu não separaria um profissional do jornalismo do literário. Hoje, com a internet, estamos vivendo num olho do furacão com uma mudança muito grande. E, como é um campo muito amplo de produção, você pode trabalhar como assessor de imprensa, social media, até em outras coisas como o marketing. Essas áreas, antes muito separadas, estão se misturando por conta da internet. E, por exemplo, você como um jornalista criativo pode fazer um projeto de um livro-reportagem e buscar financiamento coletivo, ir atrás de bolsas de escrita criativa... há um leque muito grande. Mas eu não separaria jornalista de um lado e jornalista literário de outro. Todos são jornalistas. Cada um tem sua capacidade, seu talento, sua forma de ver o mundo. Cada um tem um jeito.



Quais dicas você daria a quem quer se especializar em jornalismo literário?

A leitura de livros, revistas, jornais, geralmente, é uma espécie de portal para podermos ver o mundo de uma forma diferente. Um jornalista que não lê é um jornalista fadado a ver o mundo só de uma forma. Quando nós lemos, ampliamos nossas conexões e nosso universo de percepção é amplificado. Quando ele amplia, ele não volta mais não. É como uma flor que vai se desabrochar e não volta mais ao que era. A vida intelectual é essa flor que vai desabrochando. Quando a flor começa a desabrochar, não vai voltar para o botão. Ela vai, como diz Hegel, dialeticamente, cumprir sua sina no mundo, que é justamente o amadurecer.

Diante disso, vou dizer os jornalistas que eu admiro: Wellington Farias, William Costa, pessoas com uma vasta leitura e uma capacidade de entender o mundo de uma forma mais complexa e mais profunda.

Você acredita ser possível viver exclusivamente de jornalismo literário?

Sim. O jornalismo é uma profissão difícil, porque ela exige uma agilidade e dedicação muito grande, mas eu acredito ser possível viver de jornalismo. E hoje está se tornando possível viver de literatura. Nos Estados Unidos, lugar onde a escrita é valorizada e profissionalizada, quando você colabora com um jornal, você recebe dinheiro. Também é possível vender suas matérias sendo *freelancer*. Então existem diversas possibilidades.

Hoje, com o mundo digital, os *podcasts* e toda essa variedade de coisas que está se fazendo, muitos jornalistas trabalham em projetos, como de livro-reportagem, com patrocínios, fundos, bolsas para se dedicar apenas à escrita. Então, há uma vasta possibilidade, mas que as coisas estão fáceis, não estão. Nós vemos, hoje, a mídia tradicional demitindo funcionários. O mercado tradicional vai se fechando. No entanto, outros vão se abrindo, sempre a depender do saldo profissional de cada um.

Na sua escrita, quais jornalistas você costuma se inspirar?

Acredito que o João Antônio, pela construção da linguagem. João Antônio era um jornalista muito atento às gírias. Se você olhar o livro “Malagueta, perus e bacanaço”, que é um livro de contos, ele vai levantar todas as gírias da malandragem, das mesas de sinuca, de todos esses lugares. Ele fez o uso da linguagem viva. E me fez ver ser possível trazer a vida para



dentro da linguagem jornalística, a vida social, do personagem, da pessoa. Eu gosto muito desses três: João Antônio, João do Rio e Euclides da Cunha. Por Euclides da Cunha, eu tenho o maior carinho, porque ele era jornalista, cientista, militar e engenheiro, além de ser um grande pensador do Brasil.

O capitalismo impõe sobre o jornalismo essa pressa na produção. Como um jornalista pode produzir diante desse desafio?

Nós vemos a simplificação da linguagem para que você escreva mais rápido. Às vezes, o domínio da técnica faz com que você produza mais rápido. Mas, ao mesmo tempo, se você quiser produzir uma coisa melhor, mais demorada, com mais qualidade, você também sabe. O jornalista é esse ser que domina tanto a escrita rápida, a escrita *fast food*, ou aquela escrita do ourives, da pessoa que dá o polimento, que trabalha o texto.

Hoje, um dos problemas do jornalismo é a falta de checagem. Nós temos que ter equipes que chequem a informação para que não se divulgue, às pressas, uma informação errada ou algo que não aconteceu. É nesse sentido que a engrenagem capitalista, da rapidez da informação que circula rápido, continua. Ao mesmo tempo, o próprio capitalismo que circula essa informação rapidamente, gosta de informação especializada, mais contextualizada, mais apurada. Para cada circunstância, nós vamos ter que ter uma maneira de produzir um texto.

Poderíamos considerar o Jornalismo Literário como uma ferramenta de combate à desinformação?

Eu não vejo o jornalismo como um remédio, visto que o tempo do Jornalismo Literário é outro. O tempo de produção e de reflexão, não é essa correria toda que o jornalismo é. Ao mesmo tempo, em relação às *fake news*, elas não surgem por aí porque as pessoas têm prazer em disseminar notícias falsas. O que vemos é um conceito retirado das Ciências Sociais, o de Guerra Híbrida. O conceito diz que você pode dominar o seu oponente através do uso da informação. Os Estados Unidos foram pioneiros nesse uso da informação e da desinformação como política de dominação. E no Brasil, a desinformação é usada como arma política.

REFERÊNCIAS



LAGE, N. L. **A reportagem**: teoria e técnicas de entrevista e pesquisa. Rio de Janeiro/São Paulo: Distribuidora Record Serviços de Imprensa, 2001.

OLINTO, A. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

AZEVÊDO FILHO, C. A. F. **João Antônio**: Repórter de Realidade. João Pessoa: Editora Idéia, 2002.

AZEVÊDO FILHO, C. A. F. **Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.